



CENTRO STUDI SEA

ISSN 2240-7596

a **aipsa** **edizioni** **ST**

AMMENTU

**Bollettino Storico e Archivistico del
Mediterraneo e delle Americhe**

N. 18

gennaio - giugno 2021

www.centrostudisea.it/ammentu

www.aipsa.com

Direzione

Martino CONTU (direttore), Annamaria BALDUSSI, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Giampaolo ATZEI (capo redattore), Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Mariana FERNÁNDEZ CAMPO, Manuela GARAU, Camilo HERRERO GARCÍA, Roberto IBBA (capo redattore), Francesca MAZZUZI, Nicola MELIS (capo redattore), Giuseppe MOCCI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Elisabeth RIPOLL GIL, Maria Cristina SECCI (coordinatrice), Maria Angel SEGOVIA MARTÍ, Fabio Manuel SERRA, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Zaide CAPOTE CRUZ, Instituto de Literatura y Lingüística "José Antonio Portuondo Valdor" (Cuba); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Josep María FIGUERES ARTIGUES (Universitat Autònoma de Barcelona); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Maria Luisa GENTILESCHI, Università di Cagliari (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Antoni MARIMÓN RIUTORT, Universidad de las Islas Baleares (España); Lená MEDEIROS DE MENEZES, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España); Dante TURCATTI, Universidad de la República (Uruguay).

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA

di Fondazione "Mons. Giovannino Pinna" onlus

Via Roma 4

09039 Villacidro (VS) [ITALY]

SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/oAipsa edizioni s.r.l.

Via dei Colombi 31

09126 Cagliari [ITALY]

E-MAIL: aipsa@tiscali.it

SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

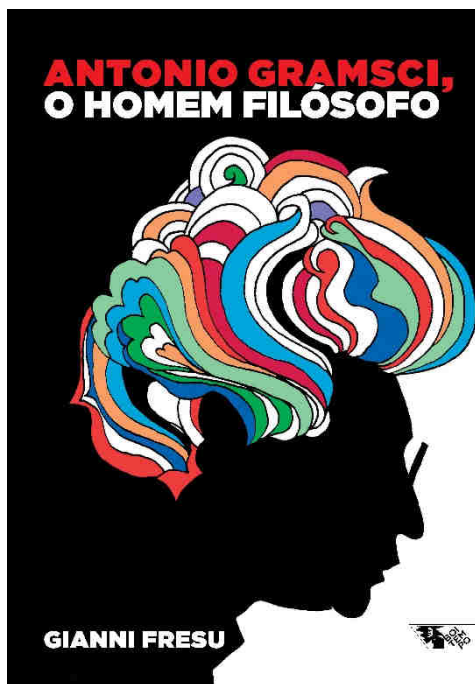
Sommario

Presentazione	3
Presentation	5
ATTI DEL IV CONVEGNO INTERNAZIONALE DEL CENTRO STUDI SEA NEL 20° ANNIVERSARIO DELLA FONDAZIONE 1998-2018	
LEGAMI SOCIO-ECONOMICI, CULTURALI E RELIGIOSI TRA EUROPA MEDITERRANEA E AMERICA LATINA IN ETÀ MODERNA E CONTEMPORANEA	7
<i>SESSIONE I: Chiesa e società nelle aree europee dell'Impero di Spagna e Portogallo e nell'America spagnola e portoghese in età moderna e contemporanea</i>	
A cura di Giampaolo Atzei	
– GIAMPAOLO ATZEI Introduzione	9
– EUGENIO BUSTOS RUZ “Jesuitas de América”, el valioso fondo documental declarado “Memoria del Mundo”, custodiado por el Archivo Nacional de Chile	13
– ROBERTO PORRÀ LUCIANA SOGGIU L’archivio del convento di Bonaria (Cagliari) della Mercede, ordine religioso presente in tutta l’America Latina sin dal Cinquecento. Il legame speciale tra Bonaria e Buenos Aires	25
– FABIO MANUEL SERRA La Chiesa, le diocesi e le città regie del Capo di Cagliari e Gallura del Regno di Sardegna dopo il Concilio di Trento. Considerazioni sul canone biblico, sulla liturgia e sui rapporti con la società	39
– CARLO PILLAI L’influsso spagnolo sulla religiosità popolare della Sardegna e dell’America Latina	62
– MARIA CHIARA CUGUSI Ipotesi di ricerca: il ruolo sociale e religioso della Chiesa Cattolica con la comunità sarda in Argentina	69
– FRANCESCO FERRARI I viaggi di Giovanni Paolo II nell’America iberica nella prima metà degli anni Ottanta	81
RECENSIONI	93
– AA.VV. Dossier: Georges de Canino et Marguerite de Yourcenar. Société Internationale d’Études Yourcenariennes. Estratto dal Bulletin n°41, décembre 2020 (FABIO MANUEL SERRA)	95
– GIUSEPPE DEIANA Storia di sconosciuti salvatori: i sardi nel popolo dei Giusti (SIMONE CARA)	98
– GIANNI FRESU Antonio Gramsci, o Homem Filósofo: uma biografia intelectual (LUCIANA ALIAGA)	100

GIANNI FRESU, *Antonio Gramsci, o Homem Filósofo: uma biografia intelectual*, tradução Rita Matos Coitinho, 1ª. Edição, Boitempo, São Paulo 2020

Luciana ALIAGA

Universidade Federal da Paraíba (UFPB/Brasil)
International Gramsci Society do Brasil (IGS-BR)



Como afirma Gianni Fresu na nota de apresentação à edição brasileira de *Antonio Gramsci, o homem filósofo: uma biografia intelectual*, era antigo o seu desejo de publicar um trabalho mais sistemático sobre Gramsci. Foi a partir de 2014 em sua experiência de vida no Brasil que esse projeto ganhou novo fôlego e motivação, resultando no livro originalmente publicado na Itália pela Editora Aipsa, em 2019, e agora traduzido e publicado no Brasil pela Editora Boitempo.

Foi a experiência brasileira, portanto, um dos “moventes” para concretização do livro, e foi o Brasil um dos primeiros países de maior recepção e difusão do pensamento de Gramsci fora da Itália. É preciso acrescentar, contudo, que em terras brasileiras o sardo sofreu os mais diferentes “usos e abusos”, como disse um dos mais importantes intérpretes brasileiros do pensamento de Gramsci, Edmundo Dias¹.

De fato, grandes nomes da literatura política pagaram o preço de certo dilaceramento ao se tornarem “populares”. A vulgarização, a instrumentalização, a parcialidade e mesmo as distorções foram, em grande medida, também impostas, entre outros, a K. Marx e a N. Machiavelli, duas fontes fundamentais do pensamento de Gramsci.

Foi longa a trajetória até que o leitor brasileiro tivesse um acesso mais amplo e qualificado à obra gramsciana, somente a partir de 1999 foi possível o estudo de uma porção maior da produção do cárcere com a publicação da versão temática em 6 volumes dirigida por Carlos Nelson Coutinho², a que se seguiram outras traduções importantes, porém ainda bastante incompletas.

Temos, portanto, uma longa trajetória a percorrer no sentido de alcançar as fontes e instrumentos necessários para um estudo integral de Gramsci. É justamente neste sentido que saudamos o livro de Fresu. Precisamente num momento em que passamos por uma nova época de restaurações reacionárias, na qual o consenso democrático se desagrega em nível internacional e que, no Brasil especialmente, experimentamos novamente a ferocidade de um anticomunismo informado pelo preconceito e pelo ódio, temos acesso a um importante instrumento para o desenvolvimento intelectual e político das classes subalternas.

¹ EDMUNDO DIAS, *Sobre a leitura dos textos gramscianos: usos e abusos*, in «Revista Ideias» (Campinas: IFCH/UNICAMP), 1994, pp. 111-138.

² ANTONIO GRAMSCI, *Cadernos do Cárcere*, 6 vols, Edição: Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro 2001.

O livro de Fresu deixa entrever em cada linha a preocupação de não mutilar a humanidade do autor, e, portanto, não velar os limites intelectuais e políticos de Gramsci diante dos desafios históricos em uma conjuntura de crise, em contínua mutação e contradição. Por outro lado, o presente livro torna possível perceber uma linha de continuidade no pensamento de Gramsci, não exatamente de uma trajetória ascendente e inequívoca, mas de um desenvolvimento teórico e prático composto de crítica e autocrítica contínuas, aberto a mudanças de direção e capaz de um novo olhar sobre antigas convicções.

O livro está dividido em três partes, organizadas cronologicamente: 1. O jovem revolucionário; 2. O dirigente político e 3. O teórico. De fato, é grande a dificuldade que se impõe a uma biografia intelectual que se propõe não apenas a tratar da vida privada do autor, mas se debruça também sobre sua atividade intelectual e política no interior do movimento socialista internacional. Deste modo, as evoluções e crises do autor, seus inúmeros interlocutores clássicos e contemporâneos, suas fontes bibliográficas e adversários políticos constituem uma densa malha de relações e reflexões difícil de apreender no conjunto. O desafio é, precisamente, organizar o material de pesquisa sem separar o homem político do filósofo e o jovem Gramsci do experimentado teórico do cárcere. O recurso à cronologia, próprio das biografias, assim, sem resolver completamente o problema, cumpre bem o papel de organização do material e exposição, mas certamente o trabalho de interpretação filológica dos escritos de Gramsci, que sustenta toda a exposição, é de fundamental importância para o cumprimento desta difícil tarefa.

Na primeira parte, “o jovem revolucionário”, a centralidade recai num primeiro momento sobre a análise dos anos iniciais da atividade intelectual de Gramsci em sua terra natal - a Sardenha - a partir do olhar nativo de outro sardo - Gianni Fresu. Certamente, além do trabalho de pesquisa, o conhecimento por experiência própria das condições socioeconômicas, culturais e políticas da região proporcionaram a composição de um vivo e complexo quadro histórico no qual Gramsci desenvolveu suas primeiras reflexões. Elemento fundamental deste contexto era “a questão sarda”, que em seu bojo carregava explicações deterministas e positivistas, baseadas nas características congênitas, biológicas e raciais das causas do subdesenvolvimento do Sul da Itália. A reflexão sobre esses preconceitos e sobre a desigualdade de desenvolvimento regional na Itália será sistematizada posteriormente por Gramsci no texto *Alcuni temi della questione meridionale*, de 1926, e retomada nos *Quaderni del Cárcere* a partir dos temas ligados à análise do *Risorgimento*.

Foi, contudo, após a transferência para Turim que a atividade intelectual e política do jovem Gramsci recebeu um forte estímulo, tanto pelos estudos universitários quanto pela militância no Partido Socialista Italiano, bem como por meio do início de uma importante atividade editorial nos jornais e revistas político-militantes. O jornalismo foi, de fato, - como mostra Fresu - um dos grandes elos entre o aprendizado do jovem revolucionário, a práxis do dirigente político e as formulações do teórico sobre os caminhos para a construção de uma nova hegemonia pelas classes subalternas. O jornalismo integral do semanário «L'Ordine Nuovo», criado e dirigido por Gramsci, ao lado de A. Tasca, P. Togliatti e U. Terracini constituiu elemento fundamental para as formulações sobre os Conselhos de Fábrica nos anos 1919-1920 e das reflexões iniciais de Gramsci sobre a relação entre dirigentes e massas, depois desenvolvida no cárcere. Na segunda parte, “O dirigente político”, as luzes recaem sobre cinco anos de intensas e graves lutas a partir do período que se inicia com a fundação do Partido Comunista da Itália (PCd'I), 1921, até a prisão de Gramsci no cárcere fascista em 1926. O sardo enfrentou neste momento pelo menos duas frentes de batalha significativas: em

primeiro lugar a luta no interior do próprio PCd'I com as diferentes frações, seja contra o “determinismo econômico” e a “fé revolucionária” de A. Bordiga (p. 120), seja aquela do sindicalismo estreito de A. Tasca. Por outro lado, o recrudescimento do fascismo na Itália, a crise econômica na Rússia e o refluxo da revolução socialista na Europa causaram crises no interior do grupo dirigente russo, além de graves discordâncias entre a Internacional Comunista e o grupo dirigente italiano, especialmente sobre a Nova Política Econômica (NEP) e a política de frente única propostas por Lênin, que, sob a pena de Fresu, consistiu na mais sólida e permanente influência teórico-política de Gramsci. Lênin comparece do início ao fim das páginas de *Gramsci, o homem filósofo*, especialmente em referência a sua contínua batalha antipositivista travada contra a teoria política determinista da Internacional Socialista (II Internacional: 1889- 1916), que persiste nas formulações da Internacional Comunista (III Internacional: 1919-1943) após a morte de Lenin em 1924. Deste modo, Fresu mostra que tanto as batalhas antipositivistas e anti-idealistas no interior do movimento socialista, quanto os conflitos políticos e a nova ofensiva reacionária foram, de fato, o campo de formação teórico-prática e experimentação do dirigente político, que no ano da morte de Lenin tornou-se secretário-geral do PCd'I e foi eleito deputado pelo distrito do Vêneto. Atividades que exerceu até o dia 08 de novembro de 1926 quando foi preso pela polícia fascista e posteriormente, em 1928, condenado a vinte anos de prisão.

A terceira e última parte do texto é fundamental para a síntese e articulação orgânica entre as diferentes fases de desenvolvimento intelectual e político do autor. “O teórico” inicia-se, portanto, com a retomada da discussão das contradições da Sardenha e da “questão meridional”, para então estabelecer o *filo rosso* que perpassa todo o pensamento do autor: a perspectiva dos subalternos e as vias para a construção de uma nova hegemonia. Este ponto de vista definiu para Gramsci, segundo Fresu, duas linhas principais de ação: 1. a organização autônoma das massas e; 2. a formação de intelectuais orgânicos das classes subalternas (p. 232). De fato, a reflexão sobre as causas do refluxo da revolução socialista, assim como a análise teórica e política do *Risorgimento* e do fascismo constituem o *leitmotiv* subjacente à maioria dos temas tratados no cárcere. Contudo, ambos os temas servem como material de análise para a reflexão sobre o par conceitual hegemonia e subalternidade e, conseqüentemente, para a atenção permanente sobre a ativação intelectual e política dos subalternos a partir da relação orgânica entre intelectuais e massa, isto é, entre o “sentir” e o “saber”.

Pela interpretação acurada de Gramsci em seu tempo e pelo trabalho filológico de Fresu podemos avaliar positivamente o alcance desse instrumental na formação intelectual e na luta política atuais. A obra que temos diante de nós pode ser concebida tanto como uma porta de entrada para quem inicia seus estudos gramscianos, como material de estudo para pesquisadores já experimentados porque ela ilumina os cantos mais obscuros ou menos visitados deste edifício que é o pensamento gramsciano, colocando em relevo a perspectiva das classes subalternas, que Gramsci sempre esposou. *Gramsci, o homem filósofo* consegue, assim, estabelecer uma linha de continuidade entre história, política e filosofia, abordando o pensamento de Gramsci a partir das lutas contemporâneas a ele sem deixar de se aprofundar em sua teoria, apresentando-a também em sua amplitude e complexidade.

Estamos diante de uma tarefa há muito iniciada e ainda em desenvolvimento que é a apreensão integral de Gramsci, não apenas o Gramsci da luta antifascista, não apenas o Gramsci intelectual, não apenas o Gramsci teórico do cárcere, mas o autor em sua inteireza e humanidade, com seus limites e contribuições, com as batalhas do seu

próprio tempo e com as contribuições *für ewig*. O livro de Fresu representa, portanto, um ganho significativo nesta trincheira.